

A MÁGICA DO ORÇAMENTO FAMILIAR

Como fazer sobrar dinheiro no final das contas

Por Aderbal Nicolas Müller*

Cristina Waltrick Müller**

INTRODUÇÃO

Muitas são as dificuldades apresentadas no âmbito da gestão financeira familiar. A falta de dinheiro impera em todas as camadas sociais e o uso de diversas modalidades de empréstimos e financiamentos são fatos concretos na vida das famílias em nosso país, especialmente o cheque especial, a conta negativa, o saldo devedor no banco, ou como queira denominar. O propósito desse artigo é trazer ao leitor uma ampla visão dos negócios familiares, focando especialmente a correta utilização de seus recursos financeiros e a utilização do orçamento familiar, como forma de planejar e reestruturar as finanças pessoais. No fim das contas, ninguém quer passar o resto da vida pagando juros ou cobrindo o cheque especial, certo?

O FLUXO DE CAIXA FAMILIAR

Primeiramente, precisa-se conceituar o que significa essa ferramenta tão importante e, ao mesmo tempo, tão negligenciada pelos gestores orçamentários das famílias brasileiras. Sim, gestores orçamentários. São os responsáveis pelo planejamento e execução do fluxo de caixa, entrada e saída de recursos financeiros pessoais. É lamentável que as pessoas que trabalham, ganham dinheiro e pagam suas contas, não entendam a responsabilidade que detêm em

gerir o patrimônio de suas famílias. Por esse motivo, e para dar uma conotação muito séria ao assunto, denomina-se a esses de gestores orçamentários.

Conceitue-se o orçamento. Segundo FERREIRA (1986, p. 1230), orçamento significa “1. Ato ou efeito de orçar; avaliação, cálculo, cômputo. 2. Cálculo da receita e da despesa. 3. Cálculo dos gastos para a realização de uma obra”. Assim, deve-se entender que orçar significa calcular, computar, estimar alguma coisa.

Deve-se aqui entender duas partes importantes do orçamento familiar, dadas pelo conceito apresentado. A primeira, que parece óbvia mas é pouco utilizada, é a necessidade de calcular os gastos para se avaliar a estrutura financeira. Muitos realizam o cálculo por diferença, verificando o que sobra ou o que falta, sem entender que o orçamento deve ser feito antes de tudo, antecipando-se à execução, quer seja do recebimento quer do pagamento. Nada pode ser feito ou previsto antes que se façam as contas! E esse tem sido o erro básico e mais comumente percebido pelos autores desse artigo.

Como fazer um orçamento e seguir a premissa número um? Em uma simples folha de papel, que pode ser de rascunho, devem-se relacionar os valores previstos para as receitas (os ingressos, os recebimentos confirmados) e os valores de despesas (gastos).

Os recebimentos normalmente são mais estáveis e não sofrem muita variação. Caso os recebimentos sejam variáveis, pode-se estimá-los utilizando a média dos últimos meses. Nesse caso é importante verificar as sazonalidades, ou seja, certas famílias possuem meses em que recebem mais e outros meses em que recebem menos, em média. Isto é sazonalidade. Quem é comissionado e vende perfumes ou semi-jóias, por exemplo, pode ganhar mais em épocas do ano em que presentes são artigos bastantes vendidos, como o dia dos namorados, dia das mães, Natal etc. A média é importante, mas a sazonalidade influencia muito no cálculo. Para quem é assalariado (empregado em uma empresa), o salário não varia muito durante o ano e é mais fácil estimar quanto deve ser recebido no mês seguinte.

Para as despesas, deve-se fazer a divisão em, pelo menos, dois tipos: as comuns e as extraordinárias. As comuns são aquelas que acontecem todos os meses, como o supermercado, o transporte, as prestações da casa e do carro e o lazer, entre outras. As extraordinárias são as que ocorrem em períodos mais ou menos cíclicos, como datas de aniversário, festas e períodos em que se deve fazer a aquisição de vestuário, mas não acontecem necessariamente todos os meses.

Relacionando-se tudo, pode-se verificar quanto se gasta e quanto se estima receber. Quando o volume de receitas for superior ao dos gastos, a situação está resolvida a curto prazo. Deve-se então partir para uma segunda etapa, ampliando o horizonte de planejamento, preparando o orçamento para dois ou três meses, e depois para um ano ou dois, prevendo investimentos (troca de carro, aquisição de um eletrodoméstico novo ou algo que se deseja muito comprar). Caso o volume de ingressos seja inferior ao de gastos, tem-se um problema muito sério a ser resolvido: ou aumenta-se os rendimentos ou diminui-se os gastos, dado que haverá necessidade de emprestar o dinheiro de alguém, que cobrará juros e o endividará. Caso a solução não surja rapidamente, o volume dessa necessidade aumentará e causará sérios problemas. Parece óbvio, não? Muitas famílias, no entanto, não se dão conta de tal importância, gastam para verificar como pagarão depois, fazem investimentos ou compras de artigos que gostariam de comprar, muitas vezes por impulso, e simplesmente não consultam seu orçamento. Depois de entrar no cheque especial é muito mais difícil para sair. Vale lembrar que os juros a serem pagos devem ser relacionados nas despesas (gastos) caso a família já esteja endividada. O excesso de despesas de um mês deve ser computado como despesas dos meses seguintes também. Aqui vale uma dica importante: muitos bancos oferecem alternativas com juros menores para o planejamento do pagamento das dívidas financeiras. É importante verificar as várias formas de empréstimos e as respectivas taxas de juros.

A PRÓXIMA ETAPA - O ORÇAMENTO NO LONGO PRAZO

Depois de equalizar o orçamento, havendo aumento de receita, pode-se aumentar a despesa também, melhorando o padrão de vida, ou então planejar o orçamento de longo prazo.

É importante pensar no planejamento do orçamento familiar também no longo prazo, mas para isto é necessário equalizar as receitas com as despesas no curto prazo. Assim que não se tenha mais a dívida financeira, ou seja, que os rendimentos cubram os gastos mensais, bimestrais e trimestrais, e que o orçamento esteja estabilizado, deve-se ampliar o horizonte e pensar nos investimentos em prazo maior. Pode-se guardar dinheiro para comprar um televisor, um telefone novo, trocar de carro ou pensar em uma poupança ou um plano de aposentadoria privado. Mas tudo isto somente depois de regularizar o orçamento familiar de curto prazo (receitas maiores que despesas).

AS SURPRESAS NO ORÇAMENTO

Um inconveniente pode surgir dentro do planejamento do gestor familiar, o descompasso. Quando algo não previsto acontece, isto pode desajustar o orçamento realizado. A perda do emprego, da fonte de receita, ou uma despesa adicional não prevista, como um remédio adquirido para um tratamento ou um reparo urgente na casa, pode comprometer o orçamento daquele mês e, conseqüentemente, dos meses seguintes. Pode-se, por exemplo, manter uma poupança de segurança, para cobrir um eventual descompasso. Não há regras para a segurança, mas um volume de quatro ou cinco vezes o valor dos rendimentos mensais é algo bastante saudável. Há quem sugira sete ou oito vezes. Isto depende do volume de rendimentos e da estabilidade profissional de cada um. De qualquer modo, uma poupança de segurança de pelo menos dois meses já é melhor do que nada!

REFERÊNCIAS

BOULTON, Richard E.S.; LIBERT, Barry D.; SAMEK, Steve M. *Decifrando o código de valor*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KIYOSAKI, Robert T.; LECHTER, Sharon L. *Pai rico, Pai pobre*. 15.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

OS AUTORES

*Aderbal Nicolas Müller é Contador, Doutor em Gestão de Negócios, Professor e Coordenador do Curso de Ciências Contábeis da FAE Business School.

** Cristina Waltrick Müller é Administradora, *Personal Manager* e Empresária.